

ESTADO DA
PARAHYBA
ANO III

23 DE AGOSTO
DE 1892

FALTAS
DOS NÚMEROS

558 AO 564

ESTADO DO PARAHYBA

Impresso nas oficinas do PELICANO
de propriedade de Jayme Seixas & C°

ANNO III

5 RUA VISCONDE DE INHAUMA 5
PUBLICAÇÕES SOB AJUSTE.

TERÇA-FEIRA 23 DE AGOSTO DE 1892

ESCRITORIO E REDACÇÃO
6-RUA VISCONDE DE INHAUMA-6
ENTRADA PELO BECCO

ASSINATURA
CAPITAL 1.500.000 ANNO 13.900
SEMESTRE 1.266.000 SEMESTRE 7.800
MEZ 1.055.000 MEZ 4.500
NÚMERO AVULSO 6.100 TRIMESTRE 14.500
PAGAMENTO ADIANTADO

N.º 565

Enquanto não chegar-nos o prelo que encomendamos, resolvemos fazer imprimir a nossa folha nas acreditadas officinas dos honrados Srs. Jayme Seixas & C°.

Durante esse tempo daremos edições irregulares d'este jornal, considerando que posto que com sacrifícios, não devíamos desertar, deixando baldo de notícias os nossos numerosos assignantes.

Mais tarde, essa falta será compensada, pois procuraremos aumentar o formato da folha, primando sempre na escolha das matérias proporcionadas.

HONTEM E HOJE

Assaltado o poder pelas bordas facciosas que dizendo-se inspiradas em infundadas reivindicações de legalidade, obravam por outro movel menos digno é patriótico ; estabelecida a nova ordem de cousas, tendo mais por fundamento a protervia dos cabeçilhas que se fiavam na condescendencia do governo federal que os deixava obrar por que se amoldavam consoante o plano, não preconcebido a 23 de Novembro, mas engendrado depois da facil victoria desse dia em que todos os estímulos bons da nação rebellavam-se contra o audaz golpeador da constituição—a nossa posição definio-se por si mesma, pela força e modalidade das circumstancias.

E' um tema estafado insistir sobre o bom fundamento das deposições, antevisto como um período purificador dos erros anteriores.

Mesmo alguns homens de boa vontade que então influiram para a consecução desse fim, acrelitando no bom movel em que se escudavam os agitadores, dissuadidos hoje se confessam pelo falseamento e esquecimento dos principios então apregoados como agentes determinantes, e ameaçados de serem tragados na voragem que *ad instar* do centro se abriria em todos os estados, como multiplas crateras de um vulcão.

Os que reflectiam sobre os antecedentes e maduramente ponderavam os motivos, percebiam facilmente a má fé dos argumentos e o ilogismo do movimento que se queria impor como um corollario necessário do contra golpe.

Si a opinião publica não pronunciou-se, foi porque o retrahimento e indiferença são a característica do nosso povo.

Mas d'isso não pretendemos tirar qualquer conclusão a nosso favor. Força é confessar que o symptom manifestado de apatia mais servia e com razão mais serviria em qualquer tempo aos planos dos politicos audazes, embora o alvo seja a destruição dos principios de ordem, como sucedeu então, do que áquelles que se aferavam *quand même* a tornar uma verdade o pre-

stígio da lei, o respeito à autoridade constituida.

Mas não havia somente affrontar o apoio natural e necessariamente negativo do povo; por traz dos fiteres, encherava-se os corações, ora disfarçados, ora patentes do contra-regra:

Hoje muita gente acredita que no animo do marechal Floriano jamais entrou o plano da derrubada que presenceamos em toda a Republica e que foi a isso arrastado pela sofreguidão e audacia dos prohomens de que se acercou.

Tanto peior e mais condemnavel perante a historia, porque não lhe poderá servir de atenuante essa inscência, visto que escaradamente homologou esses projectos e actos, embora, o que lhe é muito desairoso, contradisse o que antes havia afirmado no tocante à sua exémpção na trama que se preparava, visto que os agitadores, sem rebuço, citavam-lhe o nome como *alma mater* de tudo.

Duplicidade ou fraqueza, essa tendência manifestou-se em factos, e em mais de um, ou em todos os estados a historia registra essa incoherencia, de funestos resultados.

Não havia mais parar; a pedra rolara da montanha. Mas, conhecida a burla da restauração da legalidade, com que se massacraram essa serie de golpes, a reacção operou-se. O governo começou a bracejar no vazio da impopularidade, ao passo que os legalistas, um punhado hontem, ostentavam-se em legião ameaçadora, clamando pelo respeito à constituição.

Os factos são recentes, estão na memória de todos. Assim como, o governo entoou o *penitent*, arrependido por ter secundado, senão insuflado as deposições, posteriormente, quando perpetrhou a maior violencia que se constata em nossa historia, forgiando a sedição de Abril, roja-se de desespero aos pés das victimas e serodiamente procura resgatar os seus erros.

Suum jus, summa injuria.

Um unico caminho está traçado; estamos em nosso posto; o governo trilhe-o.

Tudo o mais são proposições escusadas, que nos pilhariam ineptamente, não podendo desenvençilar o nosso bom direito, quando tivessemos de exigir a solemne e completa reparação.

No terreno dos principios somos intransigentes. Nada de rodeios e tergiversações. A linha recta é o caminho mais curto mesmo em politica.

Cremos, e temos orgulho disso, que ninguém duvidará da inquebrantabilidade de nossa linha de conducta. Ela apresenta-se hoje sem sinuosidade, tendo atravessado os periodos escabrosos de uma junta governativa, e posteriormente o actual presidido por um homem sem título que não disse donde,

nem para que, nem porque veio, e nem em que titulo exerce illegalmente um cargo, para o qual não foi eleito, nem nomeado, nem aclamado, nem causa alguma.

A nossa abstenção hoje é o corollario da attitud conservada a 30 de Abril, e remontando mais alto, a consequencia logica da posição que assumimos perante o paiz depois dos acontecimentos de 27 e 31 de Dezembro.

Estamos no terreno dos principios, defendemos a honra de nossa bandeira. Sob pena de uma desonra infamante conservaremos inteiriça a nossa coherencia politica, como somos obrigados a conservar intacta a nossa dignidade perante os nossos concidadãos.

Perseveremos que a victoria é nossa e não tardará.

CARTA DO RIO

Os últimos dias tem sido parcos, escoteiros de acontecimentos, ou antes, das pequenas novidades. O telegrapho tira-nos com a sua conhecida indiscrição o interesse que por ventura podesse respirar a missiva, sempre escrita muito pela rama dos factos e das notícias farejadas.

Não importa, porém, isto obliteração do pequeno dever que gostosamente nos impuzemos, sem sugestões de ninguém, obedecendo somente aos nossos intutos e a camaradagem fidalgia de alguns amigos.

Consciente pela politica, o campo está ceifado; tudo triste, abatido, estiolado pelo vento da descrença e do cansaço. Há invalido por estes últimos tempos de tyrannie e maldição um que de symptomatico, de aviltamento e prostração moral, reminiscências atavicas do byzantinismo implantado, que o barco do governo mar em fora, mar em fora, caminha desorteado, sem leme, num grande tristeza do céu e do mar que cansas-se de batel-o.

Tudo gasto, tudo abatido!

E esta republica que poetas cantarão, que apostolos pregavão, e uma *migraine* que só o hydrogirro poderia resanhar-lhe o sangue decomposto e mar! Três annos de ensinamento, tres annos de fécio a nós a quem se deve dizer como lacordaire ao escravo: não lhe vale a liberdade, porque não sabe applicá-la.

Homens e deuses, tudo está perdido!

E tão gasto está o organismo nacional que ao appello dos candidatos ao povo, respondeu no *grivois* das esquinas em chafarras dos personagens de Rabelais ou Gil Vicente. Depois vem o resultado correspondente a diagnose; o candidato oficial saiu eleito em uma circunscrição de 28.721 eleitores por 4.102 votos!

O candidato foi o Dr. Vicente de Sousa, medico natural da Bahia, director do Diário Oficial, eleito na vaga do *sans-culotte Aristides Lobo*.

Ha quem afirme que a este *representante*, pelas incompatibilidades existentes, reserva a Camara sorte igual a do irmão do governador do R. Grande do Norte, se partindo para os fates de Potiguaranya macambusio como o *maître corbeau* de Lafontaine. Nem vinho, nem óbre; nem concessões nem cadeira no Congresso.

—Pelo parlamento o projecto de amnistia muito lento, cuidadamente, numa morosidade de preguica. Assegura-se mesmo que o vice-presidente não o sancionaria nem oporta o veto, deixando esgotar o prazo constitucional, o que não privara de virem elles, os bons desterrados, doentes, alquebrados pela nostalgia e pelo clima causticante que enerva os espíritos mais fortes. Afara esta lei, discute-se com interesse a que regula o sitio e arma o governo de uma espada bigame, tão draconiana que ao substitutivo do Sr. Campos Salles chama o Sr. Aleardo Guañabarra—de tyrannia; as emendas do Sr. Aleardo chama o Sr. Campos Salles—de tyrannia. *Ambo florentes...*

—Fala-se que o pensamento do governo inaugurar uma politica larga, conciliadora de acordo com as representações, não longe da politica *geographica* do Conselheiro Zacharias, isto é, cada estado com os seus elementos fortes de governo e... os amigos... Meus amigos, não temos amigos, dizia Talleyrand, ao que o marechal Floriano bem podera responder como há séculos Gil Vicente:

Tu e eu não somos eu,
Eu judeu e tu judeu?

—Ha quasi certesa na candidatura de Quintino Bocaiuva a vaga no senado aberta pela sua propria renuncia, á despeito dos treteitos e negaças que faz-lhe a Assembleia Fluminense, em sua maioria de velhos conservadores, gente da *junta do couce* ainda aos acenos do Conselheiro Paulino. Um personagem que ninguém comprehende, este Sr. Quintino, sempre um bom funâmbulo na matomba d'*O Paiz*, ora em oposição franca ao governo, ora surge o homem em estopadas com a minoria. O governo quer-lhe bem por isso e por isso o quer aproveitar. *A tout seigneur tout honneur*.

—O governo fez transferir para a propria residencia, nos recessos carinhosos do lar, o illustrado Dr. Bernexval da Fonseca, redactor da *Gazeta de Notícias*, encarcerado na fortaleza da Lage. Assegurão-nos que a humidade do forte e a perseguição ferrenha do governo trouxerão tão funda altera-

cação em sua bandeira que é melindrosíssimo o estado deste ilustre Minas Gerais.

A *Revista Ilustrada* deu em sua página de honra o retrato do nosso talentoso representante, Dr. Epitácio Pessoa, Ministro e Chefe, a *Academia* em seu brilhante caminhar rende homenagens ao mérito e ao talento.

Não previsse para estrelar os festejos oficiais a S. Paulo que tinha sua companhia lirica, bandas canoras e tentadoras baianas, O Sr. Duque de Caxias, empossado com o seu corpo sacerdotal de 122 pessoas, a soberba orquestra de 52 professores sob a batuta do maestro Matheus Maciel, a pomposa Galeria ou o teatro Gabrielense ou o Teatro Central, mais frequentemente conseguiu este e obteve que o *Brasil* arrebatou Custodio em excursões pelas S. Paulinas dando diversão e exibindo o teatro apurado.

O Duque não previsse nem de todas as deputações, nem das baratinhas de Aquitânia, nem das contumácias em comum, infantil, politico, militar, estrangeiro e o cavaleiro Alvaro Nobre, bicampeão ou presidente da orquestra, a canção do bicho, quando fagiu o dia triste de 12 de Abril e da *Gaita*, no Teatro dos Baianos. Um delito, uma agressão, um assassinato, escatogando bravas e patinhas o povo todo de pele. Estremo o bicho cem os Bembequins, juntamente a operá em que matava a comparsa encantada, resultando aquela lucrativa da polícia e da provisão de invenções deslumbrantes encantadas ao talento musical de Macmillan. Este notável mestre, autor de muitas operas, hincamamento cantadas pelas plateias de Europa, tem sido variadas vezes a hostia de saudade, na habitação a Pará.

Erupções de tanta liberdade, e que em suas festas de futebolas as instituições e organizações e representações avulsas, como marcas de surpresa, de glória e de memórias sagradas. Clássicas haviam *arrabios*, festejando em paixão os *sabot*, os lobos e os leões, das filhas de esferas, e no dia 12, no palco, o rapaz atento, a arrasta, mudou da humanidade das rias numas acunhacões densas de fúria e desgosto em toda a elipse da *theatre*.

EM 4 DE AGOSTO.

PROTESTO POLITICO

Muito propósitamente esperei que fizesse a série de violências que tenho sofrido, desde 12 de Abril passado até hoje, para poder protestar contra a arbitrariedade de que concordei e ambiuídos os meus direitos e as minhas regalias de representante da Nação, de militar e de cidadão.

Tive até hoje a calma precisa para, acusado de factos que desconheço, esperar pacientemente na prisão vexatoria que me inflingiram, as provas do meu crime.

Arrancado violentamente do lugar para o qual, no Parlamento, me havia designado o voto popular do meu Estado; preso e incomunicável, primeiramente com todos os vexames a bordo de um navio de guerra; depois, com todas as inconveniências e com todos os rigores em uma fortaleza amanhada e insalubre, destinada à detenção de réos de delitos comuns; reformado arbitrariamente no posto que conquistara na Armada Nacional; vítima durante 4 meses de todas as prepotências e de todas as injustiças, julgado e sentenciado sem interrogatório, sem inquérito e sem processo; ambiulado, como fui condenado, sem saber porque me ambiularam, como não sei porque condenaram; chegou agora o momento em que devo, antes de reassumir no Congresso Nacional o meu posto de representante da Nação, exigir da honra e da lealdade d'aqueles que me julgaram, condenaram e ambiularam a declaração dos motivos porque fiz afastado dos meus deveres e privado dos meus direitos.

Esperei que aparecessem contra mim documentos de qualquer natureza, verdadeiros ou falsos; para que eu, deputado ao Congresso, e como tal só podendo ser julgado e condenado pelos meus pares, fosse ambiulada todas as minhas imunidades, encarcerado como um criminoso vulgar, que oficial da Armada Nacional, e portanto só podendo ser punido depois dos traumas legais de um processo militar, fizessem ambiulados todos os meus direitos adquiridos, reformado por ter faltado aos deveres da lealdade e da disciplina!

(Decreto de 12 de Abril de 1892.)

Claro é que sobre mim deviam pesar

tremendas acusações, firmadas em provas irrefragáveis. Pôrém, minuciosamente extrados em longos arrazoados parlamentares, vieram à luz os documentos, as considerações, as provas, os depoimentos e as delações em que se baseou o Governo do Sr. Marechal Floriano Peixoto, para, rasgando mais uma vez a Constituição Federal, atentar contra a liberdade de 45 brasileiros; se em vão, nesse amontoado de *processos* rehementissimos, com que se justificaram as medidas tomadas para reprimir e punir a tentativa de *conspiração* faltada de 10 de Abril, procurei, já não os documentos que deveriam evidenciar a inútil culpabilidade, mas a mínima referência, ao menos, ao meu nome.

Nenhuma testemunha depôz contra mim, ninguém declarou suspeitar de mim, não me viram nem me ouviram conspirar, nem souber alguém declarou ter ouvido dizer que eu conspirei! E acresce que todos os que privaram na minha intimidade sabem que desde Janeiro até o dia em que fui preso, residi fora desta Capital, em Petrópolis!

E justo, portanto, que eu quira saber porque fui preso, porque fui condenado e porque fui ambiulado.

E já que a justiça do meu paiz baixou tanto, que os seus tribunais, com a moralidade atrofiada pelo exercício contínuo de uma passiva obediência ao poder, não são mais o azulo supremo a que se põe de acolher o direito ferido; e já que entre os meus pares, no Congresso, há uma maioria que se deixa fanatizar pelo Governo e que não hesita em sair por cima da lei e da lei, para estabelecer o predomínio dos interesses da sua política pessoal; só resta a minha dignidade e, ao meu direito, um supremo recurso.

Appello para a integridade moral e para a probidade cívica dos dois ilustres parlamentares que na Câmara e no Senado examinaram aqueles documentos e redigiram os pareceres sobre a aprovação dos actos do Governo e a minha ambiulação, e espero que aceitem ou deixem passar em silêncio o repto que d'aquei lhes lance.

Declaro que provas, que indícios, que simples referências acharam contra mim nos libellos acusatórios que tão detidamente estudaram, e em que com tanta convicção se firmaram.

Só o fizerem, e ficar provado por forma clara e irrecusável, que com justiça foram calcadas aos pés as minhas imunidades e sacrificadas a minha liberdade, comprometendo-me até a resignar o mandato de que me acuso investido.

Quero voltar ao Congresso de cabeça erguida; as violências que sofri não attingiram sómente ao meu nome: representante de um estado, que me confiou os seus interesses, é necessário que o meu procedimento fique claro e justificado diante d'aqueles que me honraram com os seus votos.

Pôde talvez causar estranheza que, pela imprensa e não pela tribuna do Congresso, venha eu falar este protesto; mas a Câmara, pela sua maioria arbitrária, já homologou os actos do governo, sancionando os seus erros e aprovando os seus abusos!

N aquela tribuna, já o meu protesto não tem razão de ser.

Demais, os meus interesses, pessoas não sobrepujarão nunca os meus deveres cívicos; si a maioria, servindo os interesses de sua política, tem consumido duas terceiras partes d'essa sessão em salvaguardar e proteger as conveniências da República, sem cogitar dos assuntos que se devem impôr à preocupação do legislador, n'esta quadra angustiosa e quasi desesperadora da nossa vida social, eu, por mim, querendo sempre, apesar de todos os sofrimentos, pausar o meu procedimento pelas normas que o dever me impõe, não irei colaborar n'esse crime, ocupando a atenção do Congresso com uma questão alçipal vencida, depois de tantas prolações, pôdicas sérias, e de todo desperdício de tempo.

Nenhum declarou suspeitar de mim, não me viram nem me ouviram conspirar, nem

significou declarou ter ouvido dizer que eu conspirei! E acresce que todos os que privaram na minha intimidade sabem que desde Janeiro até o dia em que fui preso, residi fora desta Capital, em Petrópolis!

Si foi crime o que fiz, — defender a autonomia do meu Estado, ferida covardemente, como a de todos os outros, pelo governo do Sr. Marechal Floriano Peixoto, — não me arrependo desse crime e hei de continuar a ser criminoso, enquanto a Constituição da República declarar autônoma os Estados da União.

JOÃO DA SILVA RETUMBA.

Deputado pela Parahyba.
Rio de Janeiro, 6 de Agosto de 1892.

DE PALANQUE

Os bons leitores já viram a opereta buffa de Offenbach *A viagem à lua?* Pois si não viram é a mesma causa. Lembram-se do rei que quando queria rir, era preciso que o secretário lhe batesse na barriga? Não era mesmo de rebentar de riso quando elle chamava o pandego secretário e lhe dizia com toda a gravidade: Quero me rir, Capricornio, e zas! começava este atamborilar na tympano, joia valiosa da coroa, que sempre trazia a cinta para as ocasiões de desopilar o figado. Era da rigorosa etiqueta: o rei só podia rir, fosse qual fosse a alegria ou causa engracada que visse, com aquella formalidade do secretário fazer-lhe cocegas ou bater no accessório que enfeitiava a regia panga.

Pois eu sem ser rei da lua ou de qualquer causa, perdão! sou o soberano senhor de minhas ventas: só espirro quando quero, — de certos dias para cá, quando me dá a veneta, digo para mim mesmo: quero me rir, Capricornio! e como não tenho Capricornio para me despertar a veia hilariante, faço cocegas em mim mesmo e dou gaitadas de rolar pelo chão. Os visinhos já andam desconfiados com esse alegrão; chegam à janella para ver o que me dá tanta satisfação e ficam assombrados, balançando a cabeça, vendendo-me sosinho, com a mão nas ilhargas, desabafando estrondosamente o peito. Creio mesmo que já perdi alguma couga no conceito de uma vizinha a quem

condenou os outros do levante como falso dizendo *lorotas*, pois ouvi-a murmurando

rar n'uma d'aquellas ocasiões: parece que está málico!

Paciencia, é minha sorte que é cotô; quando estou conchambrando um namorosinho, o diabo mette o rabo e ella fica zangada comigo. Uma feita já estava com um casorio quasi *congelado* com a neto de uma parenta da baroneza da Chunfra, filha de alta linhagem em eujas veias corria sangue azul, pois a avó tinha tido muita intimidade com o mestre da ucharia real, por causa dos bons pitões que escamoteava debaixo do avental. Um dia ella estava tocando piano e eu quis mostrar-lhe as minhas gentilezas e colloquei-me de cabeça para baixo em cima da meia-redonda do meio da sala e comecei a fazer piruetas; ella ficou muito assustada com o espetaculo, chamou o povo da casa e entrou eu querendo mostrar a minha habilidade, preparando-me para findar a sorte com um salto mortal, duplo, e quando dei o impulso, enganchei os pés no lustre e catrapuz! lá vem tudo com os diabos, até um pedaço do forro. Não olhei mais para ninguém e dei as escadas a quatro, sem chapéu, quasi matando uma porção de criados velhos que subiam para ver que barulho havia. Peitei no primeiro que rolou comigo sobre, o segundo e lá se foi tudo de escada abaixo enovelado, gritando como se estivesse com o diabo no couro. Por causa desse simples incidente, desmanchou-se o casamento e fiquei chuchando no-dedo.

Já rebentei todos os botões dos calções com tanto rir. Quero me rir, Capricornio. Então o Alvaro esse *enfant terrible*, caído do céu por descuido, inteligência onça, ilustração badéja, capaz de meter qualquer bicho de topete no chinelo, está sendo despidido dos frangalhos que o enfeitaram pelos amigos da panellinha que andavam embaindo a humanidade com a sadobedanca do rapaz?! Brigam as comedades e descobrem-se as verdades. Também o caro professor deve estar fumando de raiva, elle que quasi tinha ataques hystericos quando o «Estado» mansamente lhe dava cafunes, ou metia-lhe pausinhos no ouvido, sem malícia, cousa de quem quer bem. Vêr-se hoje estripados em misericordia por quem taava-lhe as mazzelas do bandulho ôco! Que caiporismo do diabo! Tome para seu tabaco e não bufe. Tia de servir-lhe de lição, para não meter-se em camisa de onze varas. Peior succedeu a nosso tio Judas.

Que governo! que vergonha!

O Sr. Costa Machado esboçou-se em bater os irrefutáveis argumentos do discurso do dr. Epitácio. Não ha admirar.

Dei um espirro, quando li estas memórias palavras: «só rendo culto a Deus no infinito e à liberdade na terra.»

Perdão! o sr. Costa Machado adora mais alguma cousa: é o rabicho sedoso dos filhos do imperio do meio. O sr. Machado, já que não pôde mais puchar a gaufrinha dos negros, deseja que para os ejetos venha o passivo chinéz, que no fim de contas será outro escravo, e andará para onde puchar-lhe o rabicho.

Por conseguinte devia dizer: rendo culto a Deus, à liberdade, e ao chinéz quando estiver trabalhando em nessas fases.

Em Matto-Grosso assumiu o poder o dr. Muritinho, vice-governador legalista que havia sido deposito no tempo da derribada. Quem entregou-lhe o poder foi o próprio coronel Ponce, de famigerada memória.

Uma ideia: Si o sr. Alvaro quizer uma pechincha, para ir a Chicago estudar direito administrativo, arranjo-lhe a mamata com o Floriano que é meo amigo. Na volta o va-

loroso major virá muito sabido e entregou-lhe o poleiro.

Acelta? Mande a resposta em carta fechada, com porte pago, pelo «Correio».

MIRONEC

Dr. Epitácio Pessoa

A *Revista Ilustrada*, talvez o primeiro jornal ilustrado da América do Sul, consagrada a sua página de honra do numero 547 ao nosso ilustre representante dr. Epitácio Pessoa, dando o retrato do laureado orador parahybano.

Por baixo do retrato está a seguinte legenda: «Dr. EPITÁCIO PESSOA», ilustre deputado pela Parahyba do Norte e notável orador que, na Câmara, produziu, em defesa dos desterrados e presos políticos, um dos mais bellos discursos a que temos assistido.»

É mais uma homenagem valiosa e insuspeita que muito deve lisonjear o nosso ilustre representante.

Capitão-Tenente José Augusto Damasio

Este ilustre militar que, durante deserto mezes serviu como capitão do Porto n'esta cidade, seguiu no ultimo paquete para a Capital Federal, em virtude de ter sido há pouco promovido, e a gradação de sua nova patente ser superior à categoria do cargo que aqui occupava.

O illustre capitão Damasio deixa na sociedade parahybana profundas saudades.

Caracter nobilissimo, affavel no trato, elle reunia qualidades muito elevadas e cavalherescas, conquistando geraes simpatias pela corecção e lealdade de seu proceder.

Honra e lustre de sua classe, elle sabia cumprir o seu dever com todo o orgulho e dignidade, sem curvaturas diante de quem quer que fosse. Era este traço que mais o tornava estimado, apreciando-se a sua inflexível linha de conduta e verdadeira comprehensão de seus mistérios.

Agradecendo a honrosa visita de despedida que se dignou fazer-nos, nós que sempre fomos admiradores de seus apurados predicados, desejamos-lhe feliz viagem e que possa chegar à altura destinada aos homens de intelligencia e de coração.

Amnistia e estado de sitio

Temos sobre a meia um nitido volume de 164 páginas contendo o discurso pronunciado nas sessões de 27 28 de Junho de 1892 pelo nosso representante Dr. Epitácio Pessoa.

A obra foi executada na imprensa nacional e mandada publicar pela minoria da Câmara.

É mais um preito realido ao illustre deputado parahybano, que muito o desvaloriza como testemunho do alto apreço que é tributado a seu elevado caracter e apurada intelligencia.

Bem poucas peças oratórias tem falado ao coração do povo, como esses esplendidos discursos; invulneráveis na contextura logica e verdadeira e irresistíveis pelas galas e primorés de estilo, como que fôr confeccionado. É que o illustre parahybano defendeu uma causa que era causa nacional, em

que todos estavam interessados, porque da sua solução dependia a sorte da liberdade e da lei em nosso paiz.

E' com justo orgulho que vemos esses brilhantes discursos transcriptos e commentados em todas as folhas da Republica, do Amazonas ao Prata, segundo o verso do poeta.

Como uma homenagem de admiração tambem fizemos imprimir e distribuir em brinde aos nossos assignantes essas brilhantissimas orações. Foi um tributo de justiça que em nome da nossa terra prestamos á esse parahybano que é hoje uma gloria nacional.

Bem haja o de Epitacio, e fazemos votos para que sempre a sua palavra eloquente e levante em defesa de todas quantas causas se agitem, interessando a liberdade e grandeza da patria brasileira.

Bem haja.

Capitania do Porto

Assumiu o cargo de capitão do porto d'este Estado o illustre Sr. 1.^º tenente Jéronymo Rebello de Lamare.

O distineto militar occupara igual cargo no Rio Grande do Norte, donde foi removido para aqui.

Pelas informações que temos, sabemos que ali o distineto Sr. capitão de Lamare grangeou geraes sympathias pelo zelo e correção de seu proceder, e pelas alevantadas qualidades que o adornam.

Nós o comprimentamos, desejando que continue a cultivar as tradições honrosas de sua fé de officio perante a sociedade.

Já se acha entre nós de volta de sua viagem ao sertão, onde foi abraçar sua illustre familia, o nosso distineto amigo dr. Lima Filho.

Cordialmente o comprimentamos.

Victima de terríveis padecimentos faleceu hontem n'esta cidade o distineto capitão João Justiniano de Carvalho, que ocupava o cargo de ajudante do 27 batalhão.

Militar brioso e intelligente era o capitão Justiniano, um dos ornamentos de sua classe.

Pezames a S. Ex.^{ma} familia.

SOLICITADAS

DESPEDIDA

Rodolpho José Henriques, retirando-se para o Estado do Pará em cuja Alfandega vai ocupar o lugar de praticante, não tendo podido pessoalmente despedir-se de todas as pessoas, que honraram com sua amizade, o faz pelo presente, oferecendo-lhe ali os seus limitados prestativos.

Parahyba, 18 de Agosto de 1892.

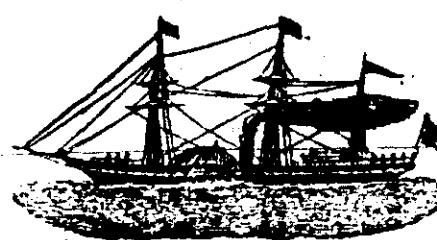
R. Henriques.

ANNUNCIOS

VENDE-SE

Um bom piano com cadeira, 2 cavallos de sella arrejados, sendo um dos arreios inglez e completamente novo.

Dez carroças e 10 burros com arreios, a tratar à rua d'Areia n.^o 72.



LLOYD BRAZILEIRO

SECÇÃO DE NAVEGAÇÃO

DA

EMPREZA DE OBRAS PÚBLICA NO BRAZIL

PORTOS DO SUL

O PAQUETE

ALAGOAS

Comandante, A. Ferreira da Silva

E' esperado dos portos do Sul, até o dia 25 do corrente, o paquete **Alagoas**, o qual seguirá para os do Norte no mesmo dia as 3 horas da tarde.

PORTOS DO NORTE

O PAQUETE

MARANHÃO

Commandante, G. de Castro

E' esperado dos portos do Norte até o dia 25 do corrente, o paquete **Maranhão**, o qual seguirá para os do Sul e sua escala no mesmo dia as 3 horas da tarde.

Chamo a atenção dos Sûrs. carregadores para o conhecimento da clausula 10.^a que é o seguinte:

«No caso de haver alguma reclamação contra a Companhia por avaria ou perda, deve ser feita por escripto ao agente respectivo no porto da descarga, dentro de 3 dias depois de finalizar. Não precedendo esta formalidade a Companhia fica isenta de toda a responsabilidade.»

Para cargas, passagens e valores, a tratar com o agente.

Augusto Gomes e Silva.

30—Rua Visconde de Inhauma—30

ATTENÇÃO!

José Joaquim dos Santos Lima

compra ouro e prata tanto em moedas como em obras velhas, paga por mais que outro qualquer.

LOJA DAS EMPANADAS

51—RUA MACHEL PINHEIRO—51

CIMENTO BRAZILEIRO

DA

ILHA DO TIRIRY

Qualidade superior ao importado do estrangeiro.

VENDEM A PREÇOS RAZOAVEIS

PAIVA, VALENTE & C.ª

VINHO COLLARES SUPERIOR

EM BARRIS DE DECIMO

RECEBERAM DIRECTAMENTE

e vendem a preços razoaveis

PAIVA, VALENTE & C.ª

COMMERCIO

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

Segunda-feira 22 do corrente, entrou em exercicio do cargo de director de semana o socio efectivo.

Joaquim Garcia de Castro,

PAUTA DA SEMANA DE 22 A 27 DE AGOSTO DE 1892,

PREÇOS DOS GENEROS SUJEITOS A DIREITOS DE EXPORTAÇÃO

Alcool	litro	300
Aguardente de canna	litro	250
» » mel	idem	180
Algodão em rama	kilo	653
» » fio	idem	680
Arroz em casca	idem	060
» » descascado	idem	200
Assucar branco	idem	300
Dito refinado branco	idem	600
Dito mascavado	idem	300
Dito bruto	idem	150
Borracha de mangabeira	idem	18000
Café bom	idem	18000
» restolho	idem	800
» torrado e muido	idem	28000
Cal	litro	050
Carne secca (xarque)	kilo	500
Charutos bons, em caixa	cento	45800
» ordinarios	idem	
Courros de boi	kilo	400
Ditos de bode e outros	idem	15000
Cigarros	milheiro	75000
Doce de goiaba	kilo	15000
Fumo bom em folha	idem	700
» ordinario em folha	idem	700
» em rolo	idem	900
» picado	idem	18300
» destiado	idem	18600
Feijão	litro	300
Farinha de mandioca	idem	100
Genebra	idem	400
Graxa e sebo	kilo	400
Milho	litro	100
Ossos	kilo	020
Pannos d'algodão	idem	800
Pontas de boi	idem	100
Queijos de qualquer qualidade	idem	15000
Rapé	idem	15500
Resina de cajueiro	idem	100
Sabão	idem	333
Sal	idem	020
Semente de algodão	kilo	013
Ditas de momona	idem	050
Tartaruga	idem	35000
Unhas de boi	idem	100
Vellas stearinas	idem	15000
Vellas de serra	idem	15800
Vinagre branco	litro	400
Vinagre tinto	idem	240
Vinho branco	idem	500
Cavão animal	kilo	133